

Cotas: direito ou preconceito?



Roberta Donateli Simões

Recentemente, nos deparamos com as cotas nas universidades do. Porém, vêm causando também polêmicas que trazem uma discussão a respeito do preconceito, dos direitos e da justiça.

Isso porque soa de maneira preconceituosa o fato de negros e alunos terem reservas exclusivas. Todos sabem que educação é direito de todos, mas, convenhamos, fazer esta distinção entre as classes dá a impressão de que tais favorecidos não possuem a mesma capacidade que os outros, diferenciando negros de brancos e alunos de entidades particulares de alunos de entidades públicas, havendo aí clima de luta entre raças e classes sociais.

Além disso, torna-se uma disputa desleal, pois tratando-se de um concurso todos teriam que começar do mesmo ponto, se existe qualquer cota, os que estiverem incluídos já estariam em vantagem.

As cotas nas universidades menosprezam o intelecto. Todos têm capacidades iguais, basta se esforçar e adquirir sempre mais informações. Buscar conhecimento não é difícil, todos possuem liberdade para crescer intelectualmente, só depende de força de vontade, disposição e determinação.

No entanto, no caso específico das escolas públicas, acredito que o que ocorre é que o governo criou essa condição de cota talvez para disfarçar o descaso que acontece com a educação pública.

Neste caso, o certo seria investir para que os alunos tivessem mais condições de chegar às universidades. A questão principal, na verdade, está ligada a uma posição racial, a inclusão da rede pública de ensino foi introduzida no processo apenas como uma manobra para esconder o preconceito racial.

Cabe ressaltar que a nossa realidade mostra que a educação pública tem recebido poucos recursos e não o devido valor. É muito fácil dizer que a não aprovação de alunos de escola pública e negros é culpa do sistema ou daquela, é mais fácil

mascarar os fatos do que resolvê-los e assumi-los.

O que o governo deveria fazer para que houvesse melhoria na rede de ensino público seria exatamente investir na educação.

Quanto aos negros, essa separação causa certo desconforto, pois são pessoas como todas as outras, nem melhores nem piores, e exatamente por isso repito que a igualdade deveria imperar.

Não estamos num campo de batalha, alguns fatos históricos são relevantes, não há como trazê-los de volta.

Não há guerra, não deveria haver esse conflito ao dizer que se deve separar uma porcentagem de vagas para os negros, sob pretexto de que a

maior parte das vagas pertence aos brancos.

Ilusão pura! Com esse pensamento estão menosprezando os negros. Não podemos aceitar essa discriminação. Não é a cor ou a raça que fazem a diferença, a diferença se faz pelo

que temos dentro da mente.

Negros e brancos possuem as mesmas capacidades de conseguir uma vaga nas faculdades. É preciso rever alguns conceitos. Trata-se de uma situação desagradável, pois escravidão não existe, os governantes e a população deveriam estar preocupados com a melhoria da educação pública e a abolição do preconceito.

Então, como se não bastasse separar negros e brancos, incluem também os índios com a intenção de mostrar o branco como o vilão, sendo que o verdadeiro vilão é a separação de raças, direcionando para um problema social.

Em pleno ano de 2006, ainda se fala em direitos usando fatores de discriminação. Onde está o respeito aos negros, aos brancos e aos índios? Haverá justiça, sim, quando todos forem vistos com igualdade.

“Em pleno ano de 2006, ainda se fala em direitos usando fatores de discriminação”

Roberta Donateli Simões é professora de Língua Portuguesa com especialização em Estudos Lingüísticos